



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG
ESPECIALIZAÇÃO EM ANÁLISE REGIONAL E ENSINO DE GEOGRAFIA

THIAGO SANTA ROSA DE MOURA

**A CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS PARA
ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO
CONTEXTO DA EMANCIPAÇÃO DOS SUJEITOS DA COMUNIDADE
QUILOBOLA DE PARATIBE EM JOÃO PESSOA-PB**

CAMPINA GRANDE – PB
Novembro/2017



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ANÁLISE REGIONAL E ENSINO DE
GEOGRAFIA

THIAGO SANTA ROSA DE MOURA

A CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS PARA
ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO
CONTEXTO DA EMANCIPAÇÃO DOS SUJEITOS DA COMUNIDADE
QUILOBOLA DE PARATIBE EM JOÃO PESSOA-PB

Artigo Apresentado por Thiago Santa Rosa de Moura sob orientação da Prof^a Sonia Maria de Lira ao Curso de Especialização em Análise Regional em Ensino de Geografia como requisito a obtenção do título de Especialista.

CAMPINA GRANDE – PB
Novembro/2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

M929c Moura, Thiago Santa Rosa de.
A construção de conceitos geográficos para estudantes da educação de jovens e adultos no contexto da emancipação dos sujeitos da comunidade quilombola de Paratibe em João pessoa-PB / Thiago Santa Rosa de Moura. Campina Grande, 2018.
27f. : il. color.

Artigo (Especialização em Análise Regional em Ensino de Geografia)
Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Prof. Drª. Sonia Maria de Lira".

1. Ensino de Geografia. 2. Conceitos Geográficos. 3. Educação de Jovens e Adultos. 4. Quilombolas. I. Lira, Sonia Maria de. II. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande (PB). III. Título.

CDU 911.37 (813.3)(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ANÁLISE REGIONAL E ENSINO DE
GEOGRAFIA

A CONTRIBUIÇÃO DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS PARA
ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO
DA EMANCIPAÇÃO DOS SUJEITOS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
PARATIBE EM JOÃO PESSOA – PB

TILLAGO SANTA ROSA DE MOURA

Aprovado em 06 de dezembro de 2017.

Bancas Examinadoras:


Prof. Dr. Sonia Maria de Lina
Orientador – UAGCH/UFCCG


Prof. Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo
Examinador Interno


Prof. Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias
Examinador Externo

RESUMO

A construção de conhecimentos na Educação Básica perpassa necessariamente pelas relações entre a realidade vivenciada pelos estudantes e os conhecimentos cientificamente elaborados. Em uma abordagem socioconstrutivista na disciplina de Geografia o aprendizado acerca dos conceitos se dá neste contato entre a ciência e a realidade prática dos estudantes. Na Educação de Jovens e Adultos as limitações quanto as articulações entre as aulas em turno noturno e o trabalho dos estudantes obrigam o professor a encontrar outras estratégias para o contato deles com o recorte espacial a ser analisado. A partir do uso do cinema, foram apresentados recortes do ambiente, das vivências e das dinâmicas de apropriação do espaço por parte da Comunidade Quilombola de Paratibe, localizada no município de João Pessoa – PB, e trabalhados os principais conceitos geográficos, entre eles: espaço, território, paisagem e lugar, tendo como objetivo verificar como os estudantes desenvolveram o processo de construção de conhecimentos acerca desses conceitos. Sendo uma pesquisa qualitativa e com uso da análise de conteúdo, os textos dos estudantes foram analisados buscando nestes referências que denotassem a identidade de cada conceito na interpretação da realidade espacial apresentada. Inferimos em nossos resultados interessantes avanços no processo de construção conceitual e na tomada de consciência sobre a necessidade da ação na defesa dos direitos da comunidade através dos conhecimentos geográficos.

ABSTRACT

The construction of knowledge in school necessarily cuts across the relations between students' reality and the constructed scientific knowledge. In a socio-constructivist approach taken at Geography classes, the learning about the concepts happens at the cross between science and learners' reality. At young and adult education, the restrictions between the night shift classes and the students' professional job force teachers to find new strategies to promote their contact with the space analyzed. It were presented some aspects of the environment, the experience and the appropriation of space by the Quilombo Community of Paratibe/ PB by using cinema footage, worked out some geographic concepts, such as space, territory, landscape and location, aiming to assess how students developed their learning processes about these subjects. This work is a qualitative research with content analysis, thus the students' texts were assessed according to these concepts and intending to highlight the identity of each concept in the space reality presented. We conclude that there are interesting advances in conceptual construction process and awareness about the necessity of defending community rights through geographic knowledge.

*“Minhas amadas
se preparam para a luta,
os tambores
não são mais pacíficos
até as palmeiras
têm amor à liberdade”.*

Solano Trindade

SUMÁRIO

1	Introdução.....	8
2	Construção de conhecimentos no ensino da Geografia a partir de suas categorias de análise.....	9
	2.1 Resgatando os conceitos geográficos em sala de aula através do cinema e da vivência dos estudantes.....	12
	2.2 O cinema como recurso pedagógico que contribui para a construção conceitual e a criticidade.....	14
3	Verificando as construções conceituais dos estudantes da EJA no contexto da Comunidade Quilombola de Paratibe.....	17
	Considerações Finais.....	26
	Referências.....	27

1 INTRODUÇÃO

A idealização deste trabalho se deu em função dos quase cinco anos de experiência do autor na Educação de Jovens e Adultos (EJA), na rede estadual da Paraíba e município de João Pessoa. Neste tempo, algumas inquietações surgiram e geraram a necessidade de uma pesquisa acerca dos processos de construção do conhecimento na disciplina de Geografia entre os estudantes da EJA.

Nesta pesquisa, focamos nossas atenções em entender sobre a construção de algumas categorias geográficas: paisagem, território, lugar, espaço geográfico, relacionando à realidade local em que vivem com os conteúdos científicos da disciplina. Este objetivo se deu em função da necessidade de compreensão sobre essas ferramentas teóricas tanto para uma melhor continuidade dos trabalhos escolares em Geografia como para formar sujeitos capazes de intervir e transformar a sua realidade.

Buscamos atingir tais objetivos em uma escola que se encontra numa localização e situações sociais e jurídicas que privilegiam essa prática. Localizada em Paratibe, localidade de João Pessoa-PB, a Escola Antônia do Socorro Silva Machado está há cerca de dois anos sob ação de um Termo de Compromisso e Ajustamento de Conduta (COSTA, 2016) imposto pelo Ministério Público Federal que exige, dentre outras ações, por reivindicação da Associação da Comunidade Negra de Paratibe, que a escola privilegie o ensino da cultura negra brasileira e quilombola.

A aplicação da lei 10.639/03, que em muitas instituições de ensino é uma exceção, na escola estudada é uma prioridade em função da localização da escola em uma área quilombola e da exigência legal citada no parágrafo anterior, reivindicada pela própria comunidade junto ao Ministério Público Federal.

Assim, o ensino de Geografia que já deve, em qualquer escola, se preocupar com a aplicabilidade da lei em sua prática diária, na instituição em questão precisa passar por um processo mais intenso de trabalho sobre os conhecimentos, já historicamente construídos, a partir as referências da cultura e das diferentes formas de organização socioespacial das comunidades negras, mais especificamente a de Paratibe.

Percebendo as dificuldades para a realização de aulas de campo com a turma da EJA para um contato direto entre estudantes e o meio com escolares que, em sua maioria, precisam trabalhar durante o dia, foi utilizado um filme como recurso para o contato com

recortes da realidade da comunidade quilombola de Paratibe, em que parte daqueles sujeitos estão inseridos e para a qual a escola está voltada com sua proposta pedagógica.

O filme “Quilombola Paratibe”, produzido pelo fotógrafo Márcio Ramos, retrata as vivências da Comunidade Quilombola de Paratibe, nas suas relações com o ambiente, suas paisagens e seus conflitos contra a especulação imobiliária e granjeiros, na luta pelo reconhecimento do direito às suas terras. Com uso desta ferramenta, buscamos aproximar os estudantes à compreensão das categorias geográficas, através do exercício da compreensão da realidade exposta no filme.

2. Construção de conhecimentos no ensino da Geografia a partir de suas categorias de análise

A postura que tomamos na análise e na prática de ensino, trabalhada com os estudantes e na análise da mesma, compactua com as considerações já realizadas por outros autores sobre a construção de conhecimentos geográficos na escola acerca de uma abordagem socioconstrutivista (CAVALCANTI, 2002; LIRA, 2014; NASCIMENTO, 2017). Tentamos também, no contexto de uma comunidade quilombola, contribuir com a tomada de consciência dos estudantes sobre a existência dessa comunidade em suas particularidades, suas diferenças e sua luta por reconhecimento, terra e uma vida digna. Como bem nos ensinou Freire (2017, p. 77)

Educador e educandos [...] cointencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento. Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes. Deste modo, a presença dos oprimidos na busca de sua libertação, mais que pseudoparticipação, é o que deve ser: engajamento.

Foi na busca de uma aproximação entre a realidade vivida dos estudantes na comunidade supracitada e os conteúdos relacionados ao conhecimento científico da disciplina escolar, que tentamos construir o conhecimento acerca das categorias geográficas.

Dentro dessa linha de pensamento, levamos em consideração a preocupação de Vygotsky (2010) quando, ao criticar diferentes abordagens sobre o desenvolvimento e o aprendizado, chama a atenção para “o fato de que o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia” (VIGOTSKY, IBIDEM, p. 94). Buscamos, assim, com nossa prática, relacionar essa “história prévia” dos

estudantes com os conceitos que os municiam cientificamente na interpretação e ação sobre sua realidade.

Na educação de jovens e adultos, percebemos que a mesma abordagem é possível. Os estudantes, em geral, estão há muito tempo fora da escola e ao retornarem trazem consigo interessantes experiências de sua vida, principalmente relacionadas às suas condições enquanto trabalhadores pobres, mães, migrantes e moradores de áreas periféricas da cidade ou da zona rural. As relações socioespaciais presentes nessas vivências enriquecem as aulas com seus relatos. Esses oferecem campo fértil a nossa atuação, pois permitem muitas e interessantes relações com os conceitos científicos e demais conteúdos trabalhados em sala.

Assim, também do ponto de vista do desenvolvimento daqueles escolares, a EJA se apresenta como um importante recorte de análise, haja visto que os estudantes estão na terceira fase de desenvolvimento reiterada por Vygotsky, pois se encontram a partir da puberdade (NASCIMENTO, 2017; CAVALCANTI, 2010). Para esta última autora existem:

Três fases no processo de formação de conceitos. A primeira é denominada “conglomerado vago e sincrético de objetos isolados”. A segunda é a do “pensamento por complexos”. Nesta fase os objetos isolados se associam na mente da criança em razão das suas impressões subjetivas a “às relações que de fato existem entre esses objetos”. Um complexo é um agrupamento concreto de objetos e fenômenos unidos por ligações factuais. Essa fase é importante porque há nela um momento chamado de pseudoconceito bastante semelhante ao conceito propriamente dito e, inclusive, elo de ligação para a formação dos conceitos. A terceira fase é a de formação de conceitos (CAVALCANTI, 2010, p. 26-27).

Neste processo, a comunicação estabelecida entre os estudantes e seu meio socioespacial através da linguagem, munem a capacidade de atribuir significados aos objetos interiorizados, relacioná-los e realizar generalizações acerca dos mesmos. Na escola este conhecimento proveniente de sua experiência com o mundo pode ser resgatado e sobre ele atribuídas novas categorizações. Neste movimento, os conceitos espontâneos, àqueles provenientes da experiência dos estudantes ao se relacionarem com novas formas de apreensão da realidade por meio de abstrações e generalizações, devem ser resgatados na escola proporcionando um importante impulso no desenvolvimento do indivíduo e estimulando a construção dos conceitos (CAVALCANTI, 2010; NASCIMENTO, 2017; VYGOTSKY, 2010)

Deste modo, compreendemos a importância que Vygotsky (2010) atribui a necessária consciência ao “nível de desenvolvimento real” do estudante, medido segundo a avaliação das funções que o mesmo consegue desempenhar sozinho, sem a ajuda de

uma pessoa mais experiente. Entretanto, considera que o indivíduo pode ir mais além quando, a partir de uma influência externa, da ação de um colega mais experiente, de um professor, tal estudante conseguirá ingressar num processo de maturação sobre novas funções. Definindo este caminho, Vygotsky (2010) elabora o conceito de “Zona de Desenvolvimento Proximal”. Segundo o autor:

[...] a zona de desenvolvimento proximal [...] é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independentes de problemas e o nível de desenvolvimento potencial determinado através da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VIGOTSKY 2010, p. 97).

Para o autor, diferente das demais concepções que, hora consideravam que o desenvolvimento mental era um pressuposto para o aprendizado, considerando que ambos aconteciam ao mesmo tempo, coloca que “o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (VIGOTSKY, 2010, p. 103). Sendo assim o aprendizado é de fundamental importância nos diferentes aspectos do desenvolvimento do indivíduo e a escola é o ambiente em que o conhecimento científico deve ser construído.

A Geografia enquanto disciplina escolar em muito tem a contribuir com este process, pois é responsável por “levar as pessoas em geral, os cidadãos, a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas vivenciam, diretamente ou não, como parte da história social” (CAVALCANTI, 2001, p. 12-13). Para isso, são necessárias “referências teórico-conceituais” (CAVALCANTI, 2001, p. 14).

Nesse contexto, os conceitos geográficos são “ferramentas, recursos intelectuais fundamentais para a compreensão dos diversos espaços” (CAVALCANTI, 2001, p. 14) e precisam ser apropriados pelos estudantes. Para a mesma autora:

São esses conceitos [...] que permitem aos alunos, no estudo de geografia, localizar e dar significação aos lugares, pensar nessa significação e na relação que eles tem com a vida cotidiana de cada um. O desenvolvimento do pensamento conceitual, que permite uma mudança na relação cognoscitiva do homem com o mundo, é função precípua da escola, embora não seja a única (CAVALCANTI, 2001, p. 15).

Por isso, buscamos colocar em prática nos diálogos iniciais com os estudantes a escuta de suas experiências e nelas suas relações com a espacialidade do dia-dia. A partir disso, intervimos com o intuito de contribuir com o ingresso deles no processo de construção de conhecimentos acerca de algumas categorias geográficas: paisagem, lugar, espaço geográfico, território e região. Cientes das diferentes acepções sobre cada um

desses conceitos, limitamos nosso trabalho às formas de abordagem que poderiam ter maior relevância para eles nas relações com suas vivências.

Importante também termos aqui consciência de que os limites entre um conceito e outro apresentam certo nível de fluidez, haja vista que são abstrações acerca de parcelas e dimensões da realidade que também se interconectam, se relacionam. Desse modo, na prática em sala, nos diálogos em que relacionamos as vivências dos estudantes com cada conceito, os caminhos percorridos para a definição de cada um daqueles conceitos, muitas vezes era perpassado pelo que se aproximaria mais de outro para que, por fim, novamente, chegássemos ao primeiro.

2.1 Resgatando os conceitos geográficos em sala de aula através do cinema e da vivência dos estudantes

A interpretação da paisagem como um reflexo do movimento dialético das transformações sofridas pelo espaço ao longo do tempo, percebida nessas mudanças através dos sentidos e interiorizada por cada indivíduo, foi um caminho que buscamos seguir ao questionar os estudantes sobre o passado, mesmo recente do bairro de Paratibe e da comunidade quilombola, numa comparação com seu momento atual e com as prospecções para os anos que virão.

Seguindo assim o que nos ensina Santos (2008, p. 103) quando afirma que a paisagem “se dá como um conjunto de objetos reais-concretos [...] é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. [...] existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual”, por isso encaminhamos com os estudantes atividades que proporcionassem seu contato com a materialidade do ambiente observado e a dimensão temporal de suas mudanças, mas sem negligenciar as relações subjetivas com este ambiente. Sobre isso, entendemos que:

[...] a paisagem não reside somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa entre os dois termos. Esta relação que coloca em jogo diversas escalas de tempo e de espaço, implica tanto uma instituição mental da realidade quanto a constituição material das coisas (HOLZER 2004, p. 61, apud BERQUE, 1994, p. 5)

Partindo das percepções dos estudantes, dos recortes das paisagens por eles verificados e daquelas visualizadas no filme sobre a comunidade, caminhamos no sentido da construção do conhecimento sobre o conceito de espaço geográfico.

As formas e as funções integradas em uma estrutura socioeconômica capitalista desenvolvendo tal processo de relações e mudanças foram trazidas para a sala de aula tendo em vista as referências espaciais dos alunos e alunas. Buscamos demonstrar as relações entre os objetos produzidos pelo trabalho humano modificando a natureza, ao longo do tempo, e as ações que dinamizam tais objetos e que os modificam segundo o constante movimento da sociedade e nesta compreensão demonstramos este movimento nas práticas desenvolvidas pela comunidade negra de Paratibe no referido filme. Assim, sobre este conceito, nos baseamos em Santos (2008, p. 63) para quem:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como único no qual a história se dá. [...] Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra sua dinâmica e se transforma.

Sobre o conceito de lugar, consideramos a compreensão de que apesar de suas especificidades, a comunidade encontra-se, como bem nos ensinaram Santos (2008) e Massey (2000), no contexto de um mundo globalizado. No âmbito do espaço urbano de uma grande cidade, João Pessoa, recebem os quilombolas as mais diferentes influências e estão sujeitos a diversas interações socioespaciais. São, inclusive, as tensões entre o avanço de um modo de produção capitalista do espaço urbano representados, principalmente, pelo avanço da indústria da construção civil e a especulação imobiliária e as permanências sociais e culturais da comunidade negra de Paratibe uma das variáveis que melhor contribuem na compreensão da recente retomada no processo de construção de sociabilidades e identidades que alimentam a luta em defesa de suas terras.

Tendo essa compreensão em vista, concentramo-nos nas contribuições de Tuan (1983) dando ênfase na sua perspectiva da experiência, relacionando a constituição do sentido de lugar em relação ao tempo. Aqui, junto às referências espaciais de diferentes partes da cidade, interpretadas pelos estudantes, através da exibição do filme e das conversas após a mesma, buscamos resgatar um pouco da memória da comunidade, identificando a ancestralidade de suas práticas tradicionais, nas relações específicas que a mesma mantém com o meio, produzindo paisagens que se diferenciam bastante do entorno e construindo também relações de pertencimento, este último sendo fator fundamental na resistência da comunidade na luta por sua manutenção e reconhecimento de suas terras.

Relacionando a interpretação do conceito de lugar aliamos a noção de pertencimento com a dimensão das relações de poder exercidas entre a comunidade e os diferentes atores que tencionam esta área segundo seus interesses, enfatizando a luta da comunidade pelo reconhecimento de suas terras frente ao avanço da especulação imobiliária, porque podemos considerar que “toda relação é o ponto de surgimento do poder e isso fundamenta a sua multidimensionalidade. A intencionalidade revela a importância das finalidades, e a resistência exprime o caráter dissimétrico que quase sempre caracteriza as relações.” (RAFFESTIN, 1993, p. 53)

Para o mesmo autor, o poder emana das mais diferentes relações e não apenas da ação do Estado e de grandes corporações, ainda que admita que essas possuem maior capacidade de decisão e intervenção sobre o espaço. Para ele:

O poder, nome comum, se esconde atrás do Poder, nome próprio. Esconde-se tanto melhor quanto maior for a sua presença em todos os lugares. Presente em cada relação, na curva de cada ação: insidioso, ele se aproveita de todas as fissuras sociais para infiltrar-se até o coração do homem. [...] O poder é parte intrínseca de toda relação. Multidimensionalidade e imanência do poder em oposição à unidimensionalidade e à transcendência. “O poder está em todo lugar; não que englobe tudo, mas vem de todos os lugares (RAFFESTIN, 1993, p. 52).

Raffestin também considera que o “território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação) o ator “territorializa” o espaço” (RAFFESTIN, 1993, p. 143). Com esse entendimento foram resgatados, junto aos estudantes, vários aspectos sobre território.

Limitamo-nos ao trabalho sobre os conceitos acima não nos debruçando na pesquisa sobre o conceito de Região em função do enfoque voltado principalmente a uma escala local. Sendo assim, segue adiante o que desenvolvemos em nossa prática de ensino e em nossas análises.

2.2 O cinema como recurso pedagógico que contribui para a construção conceitual e a criticidade

O cinema como recurso utilizado nas escolas para o ensino é uma prática não muito nova e recorrente em grande parte das instituições educacionais e em todos os níveis. Entretanto, como bem já observou Barbosa (2012) nem sempre esse recurso é utilizado com o mínimo do rigor necessário para servir como um meio relevante para o

processo da aprendizagem. Não é difícil presenciarmos, como o mesmo autor argumenta, momentos em que um filme substitui o professor ou professora que não está presente, ou mesmo utilizado como distração para os pequenos. Tais práticas subestimam o que consideramos uma das mais interessantes possibilidades dentre os recursos utilizáveis para o desenvolvimento de crianças e jovens na escola.

Podemos remeter seu potencial de comunicação às primeiras exposições quando causavam reações intensas nos que acompanhavam cenas da chegada de um trem numa estação ou de ruas e seu movimento. Ainda sem som ou cores, era a impressão da realidade no domínio da reprodução do movimento através da técnica o trunfo dessa forma de expressão artística (BERNARDET, 1985). Seu desenvolvimento apenas é possível num contexto em que a técnica em uma sociedade já imersa na industrialização o permite.

Essa mesma sociedade que tem no cerne de sua reprodução, sob o domínio dos interesses da classe dominante, a necessidade da inovação, permitiu grandes avanços tecnológicos responsáveis pela disseminação de filmes em escala global, bem como, e com maior intensidade nas últimas décadas, dos meios de produzir obras em “audiovisual” de forma mais acessível, rápida e bem menos complexa do ponto de vista técnico, em comparação com as grandes produções da indústria cinematográfica, tendo como exemplo mais específico a estadunidense, ainda dominante em diferentes aspectos, inclusive enquanto ferramenta de dominação e homogeneização cultural e ideológica (BARBOSA, 2012; BERNARDET, 1985)

Desse modo, é possível hoje, guardadas as limitações materiais de muitas instituições, principalmente nas redes públicas de ensino, um contato mais próximo com a produção cinematográfica da grande indústria do cinema, assim como o que é realizado com a câmera de um celular no próprio bairro onde a escola está localizada e que, geralmente, encontra-se disponível em algum *site*, podendo ser acessado a qualquer momento por meio da internet. A apropriação da produção audiovisual por pessoas e grupos com interesses contraditórios aos interesses hegemônicos de nossa sociedade permitem a construção de novas e diferentes narrativas sobre a vida nas periferias econômicas, sociais e étnicas no Brasil e no mundo.

As diferentes linguagens que compõem a linguagem cinematográfica, o som, a música, a imagem, a expressão corporal, o movimento, a fotografia, férteis ao processo de desenvolvimento humano pela busca do contato com a sensibilidade, de sua capacidade de contribuir com a “formação do intelecto das pessoas” (PONTUSCHKA,

PAGANELLI, CACETE, 2009), quando tratadas com o devido cuidado e dando a devida relevância na observação e discussão dos aspectos geográficos, contidos nessa expressão artística, podem servir como um importante instrumento de contato entre o estudante e o meio que se objetiva estudar.

Em alguns contextos, como no caso da educação noturna de jovens e adultos, sua importância aumenta em função de maiores dificuldades enfrentadas para a realização de trabalhos de campo com esses estudantes. Ao observar, na prática, durante quatro anos e alguns meses de docência o que Silva (2011) também reflete em seu trabalho, constatou-se que o cinema pode ser uma importante ferramenta de ensino para um alunado que retorna aos estudos depois de muitos anos afastados da escola.

Ainda jovens esses estudantes precisam ingressar no mundo do trabalho, muitas vezes precarizado, para garantir sua sobrevivência e abandonam os estudos. A motivação ao retorno para o ambiente escolar envolve necessidades subjetivas como a de “completar algo que foi há muito tempo deixado para trás”, ou de sentir pela primeira vez a satisfação de poder ler e escrever algumas palavras. Junto a isso, como também observa a autora acima citada, de ter da escola a legitimação formal de sua escolaridade para a garantia da manutenção no atual emprego ou para a busca de outro um pouco melhor.

No caso das mulheres, além do trabalho que lhes confere alguma renda, ainda dedicam-se ao trabalho doméstico seguindo, não sem resistências e rupturas em muitos casos, as funções historicamente designadas ao gênero feminino num contexto de um país de cultura machista como o Brasil. Esse contexto impõe que dificilmente o trabalho escolar extrapole os limites físicos da escola, tendo os professores e professoras que desenvolver neste ambiente as atividades possíveis que melhor contribuam para o desenvolvimento desses estudantes.

O cinema pode ser uma importante ferramenta para driblar tais dificuldades. Os materiais em audiovisual sobre a comunidade são escassos, porém o filme “Quilombo Paratibe”, fora algumas limitações técnicas como a qualidade do som, apresenta a comunidade de maneira bastante abrangente. Com foco nas pessoas e nas suas relações com o local, a montagem nos planos, trilha sonora e cenas expressam uma narrativa que em muito se aproxima dos discursos dos que vivem nessa comunidade. As imagens mostram o trabalho no mangue dos catadores e catadoras de marisco e caranguejo e suas relações com o rio Gramame e este bioma, suas críticas à poluição que ameaça essas práticas que também são heranças das gerações anteriores da comunidade. O filme deixa os moradores falarem sobre os conflitos por terra com os granjeiros locais e a especulação

imobiliária, sua luta pelo definitivo reconhecimento de seus territórios pelo INCRA e os conflitos no enfrentamento ao racismo sofrido. Sendo assim, foi com o uso desta ferramenta que intervimos com o objetivo de construir conhecimentos sobre os conceitos geográficos em suas relações com as referências dos estudantes e àquelas apresentadas sobre a comunidade quilombola de Paratibe.

Durante a intervenção pedagógica através do uso do cinema também foi acontecendo a investigação empírica sobre aquelas construções conceituais, as quais nos deteremos a seguir.

3 Verificando as construções conceituais dos estudantes da EJA no contexto da Comunidade Quilombola de Paratibe

A pesquisa foi desenvolvida sob a metodologia de pesquisa qualitativa (BAUER W. M, GASKELL, G, 2008), e participante segundo Brandão (1987) tendo em vista a proximidade, envolvimento e posicionamento político do pesquisador com seu recorte espacial e junto aos sujeitos pesquisados em suas expressões sobre a prática de ensino desenvolvida e a intencionalidade na construção de possibilidades de ação transformadora por tais sujeitos a partir da construção desses saberes.

Utilizando os procedimentos de análise de conteúdo a partir de Bardin (1977). Neste sentido, foi feita a pré-análise, descrição analítica e a interpretação referencial, buscando inferir acerca da compreensão dos estudantes, em suas expressões escritas nas atividades aplicadas em sala, sobre aspectos que se relacionavam com as propostas de definição de conceitos acima demonstradas. Foram também aplicadas entrevistas semi-estruturadas (GASKELL, G. 2008) com o coordenador de projetos da escola estudada e a líder da associação de moradores da comunidade negra de Paratibe.

A instituição em que foi aplicada a investigação foi a Escola Municipal Antônia do Socorro Silva Machado, a qual faz parte da realidade do pesquisador há menos de um ano. Apesar do trabalho com a EJA e a construção de conhecimentos na disciplina de geografia já acontecer acerca de quatro anos, fato que motivou a presente pesquisa, o início dos trabalhos na referida escola é bem recente, sendo este trabalho também um reflexo de um processo inicial de aproximação com a instituição e a comunidade na qual a mesma está inserida. Tendo consciência dessa condição de “iniciante”, principalmente dentro de um contexto de relações com o ensino e a comunidade quilombola em que a

escola se encontra inserida, foi iniciado um trabalho de análise da relação dessa proposta de ensino em construção com o alunado.

Nos diálogos em sala de aula foram realizadas perguntas com o intuito de perceber as impressões dos estudantes sobre o que conheciam da comunidade, em epígrafe, e sobre os quilombos. Como resultado ficaram perceptíveis alguns dados importantes:

1. A escola atende estudantes de vários bairros como Muçumagro, Mangabeira, Valentina Figueiredo e muitos desses estudantes não tinham conhecimento sobre a existência da comunidade ou pouco conheciam sobre ela.
2. A maioria dos estudantes não sabia definir o que são quilombos ou se expressar sobre a sua importância.
3. Uma minoria conseguiu definir o que são quilombos como “comunidades formadas por escravos que fugiam dos seus donos” e sabiam sobre a existência da comunidade. Esses estudantes, em sua maioria, eram quilombolas e/ou já haviam passado por alguma intervenção na escola que construiu tais saberes, referindo-se a essas intervenções quando perguntados sobre as origens desse conhecimento.
4. Foi comum a percepção de certo constrangimento dos estudantes quilombolas para se expressarem sobre o tema e se identificarem como quilombolas. A isso atribuímos a intensidade com que o racismo se impõe sobre esses estudantes.
5. Alguns estudantes se auto identificaram como quilombolas assim que se iniciaram os debates, interpretamos tais expressões como resultado da recente retomada das intervenções da própria comunidade sobre a necessidade de combate ao racismo e valorização das práticas culturais afrodescendentes e às intervenções pedagógicas também recentes da escola.

Sobre tais impressões, buscamos compreender de forma um pouco mais aprofundada a realidade da escola e da comunidade em entrevistas com o coordenador de projetos da escola, prof. José Elson Carvalho de Lira e a líder da Associação de Moradores da Comunidade Negra de Paratibe, Joseane Pereira da Silva Santos. Perguntados sobre o fato de haverem estudantes que não se identificam como quilombolas e sobre a responsabilidade da comunidade e da escola no resgate da cultura afro-brasileira sobre os que já se identificam como quilombolas. Dessa forma, Joseane enfatizou que:

É um processo bem complicado, porque a escola já não atende só ao quilombo. Tem os loteamentos, os condomínios e com o decorrer dos tempos com a questão do preconceito, as pessoas que são (quilombolas) ficam já acuados

porque tem vergonha de assumir o que eles são, o que eles fazem. E tem um outro lado que também interfere muito que é a família. Tem muitos pais que, na verdade, são quilombolas, mas não se assumem. É nessa situação que as crianças hoje não se aceitam serem quilombolas. E quando chega na escola ele vai encontrar outros colegas que não são quilombolas que vai dizer pra eles que ele é um negro, que ele é feio, que ele não tem a inteligência que deveria ter, que são burros mesmo. Isso aí interfere muito. Se fosse uma escola voltada mesmo para o quilombo, seria mais fácil, tanto para a comunidade como para os professores. Houve um resgate da cultura dentro da comunidade com Pitoco que é mestre de capoeira, alguns grupos de coco e eles já foram vendo eles mesmos por outra visão. E tem alguns pais que participam conosco da reunião mensal da associação e eles já são conscientes do que eles são e do que eles querem. Por conta também dos conflitos com os proprietários de granjas, houve muita ameaça, muitos conflitos, aí muitos não querem assumir. A escola hoje está bem mais voltada para a questão da comunidade. A gente agora tem mais espaço na escola, da escola com a comunidade e da comunidade com a escola. Uma abertura entre os dois lados que isso é bom até pros alunos. Tem até alunos que estão fazendo os trabalhos e se sentem orgulhosos, porque estão sendo mais aceitos que antes. E houve também um termo de ajustamento de conduta que foi solicitado uma formação para os professores. Não adiantaria uma escola quilombola com professores que não sabem o contexto do quilombo.

Sobre os mesmos questionamentos, o coordenador de projetos, Prof. José Elson Carvalho de Lira afirmou que:

A gente chegou aqui em 2015. Havia um silenciamento total sobre a questão quilombola. [...] O projeto quilombola na escola já existia, mas ele foi silenciado. [...] O projeto não perpassava o ano, ele era localizado numa data, era algo bem localizado em novembro [...] Nós montamos um grupo (gestão e professores) que buscou construir um projeto que acontecesse durante uma semana. Buscamos o contato com a secretaria (municipal de educação) que nos deu o apoio necessário para que o projeto perpassasse o ano todo [...] Percebemos que precisávamos de informação [...] Com isso pensamos num curso de formação próprio, que fosse específico para a escola, uma vez que esse curso de formação na rede não contemplava as nossas necessidades (voltadas para a questão quilombola e afro-indígena). A partir disso, passamos para a parte mais difícil que foi trabalhar isso com os estudantes. Dividimos em quatro eixos de ação para que isso facilitasse o trabalho dos professores e para que fosse possível eles trabalharem com os estudantes. De início foi difícil, porque ninguém (estudantes) sabia o que era ser quilombola: “-Eu não sei o que é isso não. Eu não sou isso aí não, é ele!” “-Eu não sou quilombola não”. Havia entre os estudantes um verdadeiro desconhecimento e paralelo ao desconhecimento, uma negação mesmo. [...] Então, era necessário a gente começar a dizer aos meninos que ser negro é ser bom também. Que ter o cabelo de “Pixaim” como se coloca é também legal, é também bonito. Então, quando a escola ela assume esse lugar: “-Eu sou quilombola, eu propago essa cultura” as coisas vão se irradiando. Por isso, você percebeu que alguns alunos já se identificam com esse discurso e que outros ainda não, porque nós estamos ainda nesse processo. Quando nós assumimos, começamos a perceber alunas vindo com black power, alunas vindo com turbante, alunos assumindo sua religiosidade afro. Hoje nós temos muitos alunos novatos, esses alunos que vieram pro Nice (condomínio) e esses apartamentos eles acabaram trazendo gente da cidade inteira de João Pessoa. Então, muitos alunos que estão, hoje, na nossa escola são alunos que desconhecem essa temática. Vieram de outros bairros. Outros alunos são de bairros próximos e eles negam essa cultura, porque eles não reconhecem nessa cultura nenhuma benéfica na sua construção enquanto sujeito. E existe um grupo de alunos que ainda está nesse processo de conhecimento.

Frente a essas colocações, ficou claro para o professor e autor deste trabalho, a sua responsabilidade com uma prática docente que se alinhasse à continuidade dos esforços já desenvolvidos pela instituição e pela própria comunidade, na luta pelo reconhecimento de sua história e pela existência enquanto negros, remanescentes de quilombo, além da garantia de suas terras. Mas, como os conceitos geográficos poderiam contribuir para tais discussões?

Sendo assim, foi justificada a necessidade de uma maior aproximação das categorias da Geografia para que pudessem desenvolver a capacidade de usá-las para entender seu lugar, a comunidade quilombola de Paratibe. Além disso, foi informado que a mesma prática iria compor uma pesquisa na área do Ensino de Geografia, não havendo objeções quanto à participação quando perguntados sobre o interesse naquela investigação.

As limitações, dentre outras coisas, de horário, exigem das instituições de ensino uma relativa flexibilidade para a realização de qualquer atividade que exija um pouco mais de tempo ou que fuja, em certa medida, do modelo das aulas tradicionais. Assim, os demais professores do turno liberaram seus horários para que o trabalho fosse realizado. Também foi necessária a junção das duas turmas do III Ciclo para a exibição, evitando que a atividade tivesse de ser aplicada duas vezes. Com esses esforços que muito nos ensinam sobre as limitações que ainda enfrentamos para realizar uma atividade relativamente simples do ponto de vista logístico, conseguimos exibir o filme (Figuras 01 e 02) e aplicar a atividade com os estudantes dos ciclos III A e III B da escola já citada (Figuras 03 e 04).



Figuras 01 e 02: Exibição do filme “Quilombo Paratibe” aos estudantes dos Ciclos III A e III B da EJA na Escola Municipal Antônia do Socorro Silva Machado

Fonte: Thiago Moura



Figura. 03 e 04: Estudantes desenvolvendo atividades sobre as categorias geográficas

Fonte: Thiago Moura

Importante ressaltar algumas limitações que se impõem com frequência não apenas na educação de jovens e adultos, mas como em todas as faixas etárias e séries, tendo em vista a organização da nossa escola tradicional. Alguns estudantes ainda não são alfabetizados e outros, apesar de escreverem palavras e frases, possuem grande dificuldade de interpretar o que é lido ou escrito e assim, também, demonstram grande dificuldade de expressar o que pensam por meio de atividades escritas. Dessa forma, passamos a investigar sobre as conceituações geográficas dos estudantes naquelas faixas etárias.

Com base em Bardin (1977), buscamos realizar “inferências” a partir de diferentes expressões e palavras escritas pelos estudantes que remetem a uma interpretação sobre os conceitos geográficos. Encontramos várias referências que remetem nossa interpretação às tensões, contradições e conflitos e relações de pertencimento vivenciados pelos moradores da comunidade para se manterem em suas terras e viverem de suas atividades, além das diferentes paisagens e relações entre os sujeitos e o meio, tão bem apresentadas no filme. Faremos a análise desta construção conceitual tendo como base de nossas interpretações a abordagem socioconstrutivista trazida no início do texto. Aqui, veremos como os conceitos espontâneos construídos nas vivências dos estudantes e suas interpretações sobre os recortes da realidade da comunidade supracitada, demonstradas no filme, foram reinterpretadas segundo os conceitos geográficos trabalhados em sala de aula.

Em cada expressão dos estudantes, pudemos identificar um avanço no processo de construção dos conceitos, ocorrendo nas análises das relações entre a realidade local da comunidade e a apropriação das ferramentas teóricas de interpretação na disciplina escolar, o que relatamos a seguir.

A. O conceito de território

Sobre as relações de poder e ações de apropriação do espaço frente às tensões impostas pelo avanço da especulação imobiliária e os granjeiros locais, sobre as quais relacionamos as considerações de Reffestin (1993) sobre o conceito de território os estudantes se expressaram seus avanços a cerca deste conceito compreendendo-o como àquele que analisa o exercício do poder por diferentes atores. Reconhecem as ações de apropriação do espaço pela comunidade quilombola frente às tensões impostas pelo avanço da especulação imobiliária e os granjeiros locais. Em alguns trechos demonstram identidade ou mesmo tomam para si a luta em defesa das terras do quilombo.

Estudante D. M. F.

O território deles, onde eles moram. A posse deles é onde eles mandam.

Estudante S. A. M.

É uma área onde, nele, há relação de poder.

Estudante L. S. C.

O povo queria invadir, mas a comunidade se reuniu e não deixaram.

Estudante I. F. B.

O povo lutou e continua lutando para que continuem na sua terra, mostra as dificuldades deles que eles enfrentam, diariamente, para ninguém tomar seu lugar.

Estudante B. A.

Que mais queremos ter, nosso território, para que nós vivermos com dignidade.

A partir destas falas verificamos que a conceituação de território encontra-se em um interessante processo de construção tendo os estudantes compreendido a importante relação entre espaço e poder, característica fundamental para a apreensão da realidade a partir desta ferramenta teórica segundo Raffestin (1993). Tais relações demonstram, em nossa interpretação, um importante caminho no sentido da apropriação intelectual sobre a realidade, que caminha no sentido do fomento à luta pelo exercício do poder sobre a área onde vivem.

B. O conceito de Lugar

E acerca das relações de pertencimento construídas a partir das vivências da população residente naquela comunidade, de sua experiência com o ambiente, sobre a construção de relações de afetividade que se alinham com a interpretação sobre o conceito de lugar de Tuan (1983), que utilizamos nas aulas para abordar tal conceito. Sem deixar de lado a inserção dos quilombolas num contexto de globalização, Santos (2008) Massey (2000) buscamos identificar e construir a compreensão da realidade também a partir das relações mais próximas entre os moradores da comunidade e seu meio na construção de sua identidade enquanto quilombola. Assim, as práticas tradicionais, o tempo de uso dessas terras e a afetividade foram fatores bastante considerados durante as aulas e sobre eles na construção do conhecimento sobre o conceito de lugar os estudantes assim se expressaram.

Estudante B. M. L.

São lugares dos quilombolas.

Estudante L. G. S.

É o lugar onde mora os quilombolas, onde eles não trocariam a comunidade para viver em outro lugar.

Estudante V. C. S. C.

As terras que eles moram, e vivem as construções.

Estudante E. B. S. L.

É o lugar onde os quilombolas vivem há muitos e muitos anos, onde teve o seu surgimento dos quilombos a muitos anos atrás.

Estudante J. R. C.

É o lugar onde eles gostam muito de morar e não trocam por nada.

Reconhecer-se como quilombola e inserir as terras, hoje ocupadas, na construção desta identidade, através dos vínculos afetivos com o meio, sem dúvidas fortalecem também a luta na defesa daquele território. Desse modo, esses conceitos se comunicam e se retroalimentam na compreensão da realidade, podendo também servir, a partir desta, na prática da defesa de seus direitos.

C. Conceito de espaço geográfico

Sobre as relações entre o meio material e as ações humanas, em sua constante transformação ao longo do tempo, a partir das inter-relações entre ambos e os reflexos disso na comunidade, alguns registros seguiram essa compreensão sobre o conceito de espaço geográfico, que trouxemos para a sala de aula com base nas contribuições de Santos (2008) relacionando ao trabalho na pesca de marisco e caranguejo e demais aspectos socioambientais visualizados no filme exibido.

Estudante F. V. R. R.

O espaço geográfico do quilombola Paratibe vem diminuindo gradativamente com a modernização tirando o espaço quilombola.

Estudante I. F. B.

Eles pescam para sobreviver. Vivem perto da natureza, também se divertem fazendo obrigações, já que fica em uma praia, então é como um lazer.

Estudante E. F. B.

Todos que eu vi [...] trabalham na pescaria. Sim, demonstravam muita relação com a natureza.

Estudante E. B. S. L

Demonstra a relação do homem com a natureza, [porque] as práticas que eles fazem são as pescas de frutos dos rios e mares como mariscos, camarões, caranguejos e etc.

Estudante F. V. R. R.

A relação da sociedade com a natureza, através da pesca do marisco e do caranguejo.

Importante perceber como conseguiram esses estudantes compreender a realidade por meio dos conceitos geográficos tendo um olhar voltado para as especificidades do lugar. Contudo, estas interpretações foram além, pois compreenderam também como as relações de poder vêm afetando este processo, num avanço das forças hegemônicas sobre o território quilombola, num claro caminho de interpretação integrada entre os conceitos de espaço e território.

D. Conceito de paisagem

Os aspectos visuais e/ou perceptíveis do meio material produzido pela sociedade ou pela natureza, ou a percepção do meio através dos sentidos e interiorizados por cada indivíduo chamou a atenção de alguns estudantes. Tendo como base de nossas orientações

aos estudantes as concepções sobre Paisagem presentes em Santos (2008) e (HOLZER 2004, p. 61, apud BERQUE, 1994, p. 5) considerando suas dimensões materiais e subjetivas, buscamos construir conhecimentos sobre esses conceitos de uma maneira ampla e suficientemente abrangente para que tivessem esses estudantes a capacidade de nas suas abstrações relacionar os diferentes aspectos observados no filme e traxidos de suas vivências cotidianas ao conceito. Esses conduziram suas considerações, interpretando as relações da comunidade com as paisagens visualizadas no filme.

Estudante E. B. S. L.

O conceito de paisagem aparece muito nas praias onde os quilombolas vão trabalhar e também em todo o filme. A imagem prevalece.

Estudante F. V. R. R.

O filme fala do lugar (o rio Gramame) com paisagem exuberantes como: manguezais, rios, plantas, árvores, areias.

Estudante I. F. B.

Nas maior parte do filme mostra paisagens onde as pessoas falam sobre a vida delas. Aparece o mar, rio, árvores, plantas, etc...

Estudante A. S.

Seu território é extremo, verde na paisagem, tendo em virtude a bela paisagem e a grandeza do convívio do aspecto do seu lar, e a grandeza do seu território adorado chamado quilombo Paratibe.

Nesse contexto das falas, é possível identificar um caminho interpretativo no sentido de um raciocínio que realiza um trabalho de inter-relacionar os conceitos espontâneos com os conceitos científicos estudados. Assim, podemos notar que expressões como “grandeza do convívio do aspecto do seu lar” relaciona aspectos referentes ao conceito de paisagem a partir de características que podem se aproximar mais da interpretação sobre lugar. Por isso, nossa análise, em outro momento do texto, sobre a linha tênue entre os diversos conceitos.

As expressões nos demonstram o caminho que os estudantes estão percorrendo na construção dos conceitos, sendo um reflexo do início da apropriação dos conhecimentos nas relações com a realidade da comunidade apresentada no filme, a partir de uma intervenção intencional na disciplina escolar. Também, percebe-se o processo de construção sobre uma tomada de consciência sobre a necessidade da ação na defesa dos direitos da comunidade através dos conhecimentos construídos sobre os conceitos.

Considerações Finais

A prática de ensino apresentada, bem como o trabalho científico de interpretação da mesma, demonstram as possibilidades de construção de conhecimentos que podem proporcionar o ensino de geografia. Em contextos como os que foram apresentados acima, a educação de jovens e adultos em uma comunidade quilombola, com acesso a material que proporcione a visualização de paisagens, sons, música, em narrativas que se aproximem dos conteúdos previstos no currículo, destacando o lugar em que vivem os estudantes, pode proporcionar importantes avanços na capacidade deles de interpretar sua realidade e nela intervir criticamente.

Munidos de ferramentas teóricas que lhes despertam para a necessidade de resistir aos avanços do capital sobre suas terras ancestrais, pode-se fomentar possíveis ações na defesa de seus territórios, contribuindo para a emancipação dos sujeitos e intervenção na realidade.

O despertar para a comunidade, para alguns deles o primeiro passo, demonstra o importante papel que a escola, que apesar de suas históricas limitações, também pode contribuir com a consciência cidadã.

É necessário também entender que o processo de aprendizagem não se inicia quando é colocada em prática a intervenção do professor, nem termina quando a mesma é finalizada na escola, pois estudantes possuem conhecimentos prévios e reagem ao trabalho, em sala, de maneiras diferentes, nem sempre conseguindo atingir os objetivos que o professor ou professora esperam que alcancem, mas evoluindo no processo de aprendizagem e em seu conseqüente desenvolvimento (Vygotsky, 2010).

Apesar das grandes limitações impostas aos profissionais da área da educação, em todo o país, é necessário que se ponha em prática o constante trabalho de questionamento e pesquisa sobre sua prática. Foi um pouco deste exercício de criticidade e pesquisa que aqui buscamos registrar e expressar para o conhecimento dos próprios estudantes e demais profissionais da educação em seus desafios diários.

Referências

- BARBOSA, L, J. **Geografia e Cinema: em busca de aproximações do inesperado**. In: Geografia na Sala de Aula. (Org) CARLOS, A, F, A. 9. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERNARDET, J, C. **O que é cinema**. ed. 7. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRASIL. **Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.
- BRANDÃO, C, R. **Participar-Pesquisar**. In: Repensando a pesquisa participante. (Org.) BRANDÃO, C, R. 3. ed. 3ª Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- CAVALCANTI, L, S. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Editora alternativa, 2002.
- _____. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus Editora, 2010.
- COSTA, I, E. **A ressignificação da identidade quilombola na comunidade de Paratibe, João Pessoa – PB: uma análise a partir dos processos de resistência**. Dissertação(Mestrado em Direitos Humanos e Políticas Públicas) Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017
- GASKELL, G. **Entrevistas individuais e grupais**. In: BAUER W. M, GASKELL, G. (Org.) Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes. 2008.
- HAESBAERT. **Região, Regionalização e Regionalidade: questões contemporâneas**. ANTARES, n° 3 – Jan/jun 2010
- LIRA, S. M. **O ensino de Geografia, a construção do conhecimento geográfico e a operacionalização da prática docente**. In: FARIAS, P. S. C; OLIVEIRA, M. M. (Org.) A formação docente em Geografia teorias e práticas. Campina Grande: EDUFPG, 2014
- MASSEY, D. **Um sentido global do lugar**. In: ARANTES, A. A. (Org.) Espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000
- NASCIMENTO, L. I. **O estudo do meio como metodologia para a construção do conceito espaço geográfico no ensino meio**. Dissertação (Mestrado em Geografia - Programa de Pós Graduação em Geografia-PPGEO) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- PONTUSCHKA, N, N; PAGANELLI, T, I; CACETE, N, H. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática. 1993

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Editora USP, ed. 4, 2008

SILVA, J. S. **Escola noturna, Cinema e Geografia Escolar**. In: Geografia práticas pedagógicas para o ensino médio. (Orgs.) REGO, N; CASTROGIOVANNI, A, C; KAECHER, N, A. Vol. 2. Porto Alegre: Penso, 2011.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Quilombola Paratibe. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=b1dYqKBMipo&t=17s>> Acessado em: 11 maio 2017.